

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP
FACULDADE DE HISTÓRIA

Augusto Benjamim Burattini

A copa de 1970 e suas decorrências para o debate de alienação do futebol na escala social

Bacharelado em História

São Paulo

2023



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Augusto Benjamim Burattini

A copa de 1970 e suas decorrências para o debate de alienação do futebol na escala social

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de BACHAREL em HISTÓRIA, sob a orientação do Prof. Dr.º. José Paulo Florenzano

**São Paulo
2023**

Augusto Benjamim Burattini

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr

Prof. Dr.

Prof. Dr.

RESUMO

O futebol é parte fundamental para a ideia do que é a cultura brasileira e de como ela se estrutura. A mobilização popular que este esporte proporciona no Brasil é de proporções continentais e acaba sendo algo enraizado no cotidiano da sociedade. Nosso país é, historicamente, a principal referência futebolística no cenário mundial, inclusive sendo identificado e representado em termos internacionais como “o país do futebol”, ideia não isenta de estereótipos.

Em um contexto de censuras e torturas durante o auge da Ditadura Militar (1964-1985), a Copa do Mundo de futebol de 1970 e a fantástica seleção brasileira trouxeram diversos debates e reflexões sobre a relação do Brasil com esse esporte. O constante uso da seleção de maneira propagandística e populista pelo presidente Médici e seu governo autoritário suscitou questionamentos no meio intelectual brasileiro a respeito do futebol ser o “ópio do povo”, isto, uma distração usada pelas elites para alienar a população dos verdadeiros problemas do país. Desde então, tais debates e questionamentos passaram a ser discutidos pelos diversos agentes do campo esportivo (jornalistas, torcedores, atletas, dirigentes, pesquisadores), os quais têm procurado entender como o futebol veio a se constituir em um traço marcante da identidade brasileira, o quanto ele se encontra enraizado na sociedade, e, principalmente, que tipo de relação ele estabelece, ou não, com a política em si. Nesse sentido, o Trabalho de Conclusão de Curso busca entender de que maneira o futebol se enquadra como manifestação da cultura popular, e, ao mesmo tempo, como o referido esporte pode ser utilizado pelas instâncias de poder enquanto instrumento de manipulação e alienação.

Palavras-chave: Futebol Brasileiro; Identidade Nacional; Cultura Popular; Regime Militar; Ópio do Povo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 COPA DE 1970 E A DITADURA MILITAR	10
3 A VITÓRIA BRASILEIRA E O DISCURSO DE “ÓPIO DO POVO”	16
4 EM DEFESA DO FUTEBOL	22
4.1 Em prol da cultura futebolística	22
4.2 Futebol em sociedade	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
FONTES	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1 INTRODUÇÃO

Quando se pergunta a qualquer estrangeiro de maneira aleatória o que essa pessoa conhece do Brasil, com certeza todos eles irão dizer algo parecido com samba, carnaval e claro, o futebol, concordante com os estereótipos reproduzidos ao longo do tempo sobre o país. O futebol está enraizado na cultura nacional, no dia a dia do brasileiro, de forma com que dificilmente nossa sociedade viveria sem ele. Não importa se você tenha uma paixão imensa pelo seu time e morreria por ele ou se você não liga para os campeonatos, o fato é que não se consegue escapar da influência do futebol. Os programas televisivos e noticiários vão falar de futebol, seus familiares vão falar de futebol, o primeiro assunto a se falar em uma mesa de bar ou de trabalho é sobre futebol, não se consegue sair andando na rua sem ver pessoas pertencentes aos mais diversos grupos étnico-raciais com camisetas de clubes de futebol ou do selecionado nacional. A sociedade acaba girando em torno do esporte, pois, de fato, conforme salientado por inúmeros autores da História e das Ciências Sociais como Roberto Damatta (1982) e Leonardo Afonso de Miranda Pereira (2000), ele ocupa um lugar central na cultura brasileiro. Nesse sentido, mesmo aquele que odeia profundamente a cultura futebolística, acaba por precisar demonstrar um mínimo de conhecimento sobre o tema, se não as coisas acabam saindo do controle. É importante saber se determinado dia da semana tem jogo, pois o trânsito pode estar mais congestionado que o normal, os transportes públicos mais lotados e você precisa ter cuidado para não sair com roupas que remetam às cores e uniformes de um time rival. Por mais estúpido e inútil que o futebol possa parecer, se o indivíduo não aceitar sua dominância na sociedade e se adaptar a ela, ele sairá perdendo.

Ainda assim, o termo “país do futebol”, frequentemente usado no mundo inteiro para descrever o Brasil, encerra vários significados, além de refletir uma obsessão pelo referido esporte. Não se sabe ao certo quem nomeou nosso país com essa alcunha, alguns acreditam que a partir da conquista do Tricampeonato na Copa de 1970 o governo militar passou a difundir cada vez mais esse termo, porém não há evidências concretas para tal hipótese. O que é mais aceito sobre a história desse termo é que jornalistas brasileiros se renderam à seleção brasileira da Copa de 1958, chamando os jogadores de gênios e artistas do esporte. Não começa necessariamente por esse termo, mas tais elogios e análises acabaram evoluindo a esse consenso. É importante entender o contexto dessas análises e da Copa de 1958, pois o título da seleção veio a ser uma celebração da identidade nacional no campo esportivo, bem como um acerto de contas sobre o futebol brasileiro nas décadas passadas, principalmente por causa da

final da Copa de 1950, quando ocorre o famoso “Maracanazo” (PERDIGÃO,2000), expressão empregada desde então para designar a derrota do selecionado nacional para o selecionado uruguaio na partida decisiva da competição, realizada, justamente, no estádio do Maracanã, recém inaugurado. Existia uma ideia na imprensa esportiva brasileira e também na sociedade em geral de que o Brasil tinha tudo para ser o “país do futebol”, fosse por causa da paixão popular pelo esporte, fosse devido aos atletas de altíssimo nível. Porém, o time nacional nunca conseguia concretizar tal ideal em razão do suposto descuido atribuído pelos formadores de opinião a esses mesmos atletas “artistas”. Dizia-se que o futebol brasileiro era romântico demais, ou seja, que o jogador se importava mais em driblar e se mostrar nas fintas e chutes do que ser objetivo e ganhar a partida (WISNIK,2008). Dizia-se também que o futebol brasileiro nadava e nadava para acabar morrendo na praia, de acordo com o, historiador especializado em futebol Flávio de Campos. “Era o fim do futebol romântico, em que o jogador saía à noite e depois comia a bola na hora do jogo”¹, parafraseando o mesmo.

Apesar disso, a brilhante geração brasileira do final da década de 50 até o início da de 70 do século passado finalmente confirmou para o mundo que o Brasil era na verdade sim, o país do futebol.

Algumas coisas não se encaixam. O alemães e italianos também respiram futebol, assim como nós, eles também são multicampeões e tiveram grandes gerações de jogadores espetaculares. Sendo assim, coloca-se a questão: por que eles não são considerados os “países do futebol”? Mesmo países que não são conhecidos pelo seu futebol como a Hungria e República Tcheca (no passado, Checoslováquia) já tiveram grandes seleções recheadas de craques no passado, como Puskas e Panenka, mas nem por isso foram cogitados como países futebolísticos. Afirmar que o Brasil ganhou tal alcunha somente pelas grandes seleções e títulos que tivemos, além da paixão e obsessão pelo futebol, não basta para explicar o porquê da referida identificação. No mundo todo, há países como a Inglaterra, a Alemanha e a Argentina, por exemplo, completamente apaixonados pelo esporte, talvez com mais paixão, até, pela cultura futebolística do que o próprio Brasil. No caso do nosso país, eis a hipótese explicativa, trata-se muito também de um discurso do estereótipo que o identifica como país do futebol. “O Brasil está no mapa-múndi em boa parte graças ao futebol” como disse o ex-jogador e dirigente

¹BITTENCOURT, Fabiano. *Por que o Brasil é o país do futebol?* Revista Superinteressante, maio 2006. Disponível em: <http://super.abril.com.br/esporte/brasil-pais-futebol-446418.shtml#>. Acesso em: 24 abr. 2023.

francês da Fifa Michel Platini antes da copa de 2014, chamando nosso país de “a Meca do futebol”.²

O futebol se tornou a identidade do brasileiro por esses motivos em especiais, em que a vida gira em volta do futebol, e que nossa existência é somente um segundo plano. É muito comum o cidadão médio esquematizar sua semana já preparado para os possíveis jogos de quarta e domingo, o resultado do time dele muda completamente seu humor na semana.

Ao mesmo tempo, a generalização de todo “o brasileiro” como aficionado por futebol é muito danosa para a visão mundial do Brasil e inclusive dentro de nosso próprio país. Por muitas vezes, o Brasil é resumido internacionalmente como país do futebol decorre do modo pelo qual a Europa, sobretudo, enxerga o país do terceiro mundo, com uma população composta por afrodescendentes, com baixa escolaridade, cujo lugar no mundo só pode ser o de oferecer aos “civilizados” entretenimento exótico. A maneira com que a América Latina e a África são resumidos a música e esportes, frequentemente com essa visão exótica e menosprezada comparada com a cultura “intelectual dos civilizados”. Deste modo, é muito raro que a opinião pública e política de países desenvolvidos descrevam aspectos de cunhos intelectuais, científicos e literários de países emergentes e do terceiro mundo. (BHABHA,1998)

A visão estrangeira em relação ao futebol no Brasil passa muito por representações jocosas, como por exemplo a de que bebês já nascem fazendo embaixadinha, ou que um brasileiro médio morador de favela tem a habilidade de um jogador profissional europeu. Esses estereótipos cômicos expressam uma imagem distorcida da nossa sociedade, pois, obviamente, nem todo morador do Brasil sabe jogar bem futebol ou muito menos liga para o esporte. Além disso, apesar do interesse orgânico de boa parte dos brasileiros, isso não significa que todas as pessoas se envolvam com ou pratiquem o futebol. Tal imagem constitui uma distorção da sociedade brasileira, exprimindo a falsa ideia de a nossa potencialidade criativa se reduz ao futebol.

O Brasil é e sempre foi um país extremamente desigual e o conceito de lazer praticamente não existe para a maioria dos brasileiros. É nesse sentido que se pode compreender o que fez o futebol adentrar tão organicamente em nossa sociedade, pois para torcer não se precisa de muito (FRANCO JUNIOR, 2007). Qualquer barzinho acaba passando futebol, qualquer estação de rádio narra os jogos, e na maioria das vezes não se precisava ir

²ANSA. "Copa no Brasil é peregrinação à Meca do futebol", diz Platini. Folha Online, Zurique, 30 out. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u341119.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2023

longe ou sacrificar algo para acompanhar uma partida. Assim, o futebol torna-se o lazer e o divertimento oficial do brasileiro médio, vira a maneira mais fácil de se divertir e esquecer um pouco dos problemas da rotina habitual. No que diz respeito à prática, o futebol revela-se algo extremamente simples, basta apenas de uma bola e algo que possa ser usado como gol. Na verdade, nem de bola se precisa, é só usar algo esférico parecido com uma bola como, por exemplo, uma bolinha de papel amassado ou até meias. A simplicidade das regras e dos equipamentos também nos ajuda a compreender o sucesso da prática.

A ideia de lazer para o pobre brasileiro é algo muito rara, não importa em que lugar do país ele esteja. Uma criança comum dificilmente sai de casa ou do bairro, por que seus pais trabalham todos os dias e nos finais de semana eles querem descansar, dificilmente uma criança assim iria com seus pais no parque de domingo ou a um cinema no shopping center. O futebol é umas das maneiras mais fáceis dessa criança se distrair e se sentir presente como parte de algo, e se o pai por exemplo gostava do esporte, a paixão pode levá-los até a frequentar um estádio. Porém, ao mesmo tempo que essas afirmações são verdadeiras, essas ideias estão virando cada vez mais acontecimentos do passado. O retrato do futebol que está se construindo nas últimas décadas no Brasil atual é cada vez mais elitizado e separatista, em que a atitude dos clubes e federações, juntamente com a construção de novas arenas modernas caríssimas, acabam afastando o alcance do esporte nas classes populares (MANDELLI, 2018). Em um futuro próximo, talvez essa realidade de separação das estruturas com as classes mais baixas acabe por diminuir a força do futebol no Brasil como um todo.

O futebol e o amor por uma equipe acabam criando um senso de pertencimento a essas pessoas, um motivo para se viver nesta vida precária e desigual. Dentro de um estádio, a arquibancada reúne pessoas provenientes das mais diversas realidades e, ali dentro, as diferenças não importam, somente o time e sua torcida em uma união conjunta. Essa ideia inclusive é um dos argumentos usados para falar de como o futebol aliena as pessoas, mas é justamente o contrário.

2 COPA DE 1970 E A DITADURA MILITAR

Com as particularidades que o Brasil apresenta em relação ao futebol, ele acaba virando um campo fértil para a criação de ideias, lendas, mitos e narrativas no imaginário da cultura nacional do país. Assim, a Copa do Mundo do México, em 1970, e as manobras de manipulação e propaganda usadas pelo governo militar a partir do sucesso da seleção nacional, é um ótimo exemplo para se entender como o futebol “contamina” e influencia as estruturas sociais e de poder no Brasil.

A disputa de uma copa do mundo cria um sentimento geral patriótico e nacionalista muito expressivo em um país como o nosso, onde o futebol ocupa um lugar central na construção da identidade nacional, sentimento muito útil a regimes populistas e militares. O futebol aqui acaba sendo um poderoso artifício de integração social, gerando uma paixão capaz de mobilizar e criar um sentido de unidade, união e totalidade (DAMATTA,1982).

O futebol cria uma sensação de igualdade e poder que não existe em lugar nenhum, um sentimento assim que faz a massa popular finalmente sentir uma ideia de união e de uma experiência de horizontalização de poder (DAMATTA,1982). O futebol no Brasil serve para prover a sensação de êxito e vitória a toda uma classe de pessoas que não tem a oportunidade de vencer em seu cotidiano com suas próprias vidas, como salientava o cronista esportivo, e dramaturgo, Nelson Rodrigues. Por outro lado, como argumenta o antropólogo Roberto Damatta, exibir títulos acadêmicos, possuir contatos com pessoas importantes na estrutura social ou ser de uma família influente não significam absolutamente nada em um campo de futebol onde prevalece o capital futebolístico (DAMO, 2007).

A conquista do tricampeonato na Copa de 1970 dava a impressão de que o Brasil se tornaria uma nova potência do mundo ocidental e essa vitória tinha sido o primeiro ato demonstrado à plateia global e aos próprios brasileiros de como o país seria e avançaria como nação. O contexto da época revela-se muito importante para a compreensão do uso político da vitória, especialmente porque ela foi potencializada pelo assim chamado “milagre econômico” que acontecia paralelamente ao torneio de futebol, ensejando ao governo militar a oportunidade de associar os dois “sucessos” (FICO, 1997).

No contexto político do país antes da Copa do México, Médici já havia adotado a censura previa de livros e revistas sob o pretexto de “combate a pornografia”, com o verdadeiro intuito de bloquear tais meios que ele julgava comunistas e antipatriótico em um contexto de

guerra fria. Para o regime e para a extrema-direita, a Copa do Mundo foi uma disputa ideológica entre o futebol força totalitário e comunista contra o futebol arte ocidental. O editorial jornal *O Estado* de São Paulo logo após a conquista do tricampeonato dizia que o título era vital para vencer a disputa ideológica. (...) O campo é o globo inteiro. (...) A bola é o poder”.³ Até os dias de hoje é difícil para muitas pessoas e intelectuais louvarem a seleção de 70 sem associá-la à Médici e sem parecer que seja um elogio à ditadura militar.

Contudo, é inegável que o ambiente ideológico que precedeu a Copa de 1970 foi “o melhor exemplo de como o futebol foi usado para emprestar legitimidade política ao governo”, na opinião do brasilianista Robert Levine (1982, p.41).

Médici como personalidade sempre aspirou ser um grande populista e perseguia a popularidade de maneira assumida, não medindo esforços para associar seu regime a seleção, e fez constante uso da máquina estatal para isso. O ditador, aproveitando-se da familiaridade que possuía com o futebol, construiu a personagem de um torcedor fanático que dava palpites sobre os jogos, sugeria a convocação de atletas para a seleção e se deixava filmar nas tribunas de honra, sobretudo a do Maracanã, comportando-se como um verdadeiro apaixonado pelo time do coração, no caso do Rio de Janeiro, o Flamengo. A construção desta personagem, sempre com o radinho de pilha colado ao ouvido, detalhe que reforçava o vínculo com o torcedor anônimo das gerais e arquibancadas, teve a participação decisiva da AERP, a Assessoria Especial para a Presidência da República (FLORENZANO, 2009).

Pode se argumentar que Médici foi um manipulador de massas, mas ao tempo ele foi um presidente com alto popularidade pessoal, incentivando de certa forma um culto a sua personalidade tal como um regime fascista. Ele era bem visto pelos trabalhadores justamente por essa personalidade boleira, do esporte mais popular do país, junto com algo próximo do pleno emprego da época trazido pela bolha do “milagre econômico”. Médici soube administrar o momento e sua personalidade para conseguir a aprovação de grande parte do poder popular.

Tanto na época quanto no presente algumas coisas são sempre lembradas quando se comenta a copa de 1970 fora do espectro futebolístico, principalmente a figura de Médici em si, tomado como símbolo do regime militar, mas também o marketing direto e localizado. O esforço do governo para se atrelar à seleção brasileira foi grande e muito bem-sucedido juntamente, graças à propaganda política e à publicidade. A canção “90 milhões em ação”, composta pelo publicitário Miguel Gustavo (ÃNGELO,2010), foi escolhida em um concurso

³ *O Estado de S. Paulo*. 23.jun.1970, p. 3.

patrocinado pela Rede Globo para o tema musical da seleção brasileira, acabou sendo usada pela ditadura como uma espécie de hino oficioso, sendo executada por ocasião de desfiles como o do 7 de setembro, e inaugurações de obras públicas, como trechos da Transamazônica. O regime também conseguiu vincular o slogan do seu próprio governo à seleção: “Ame-o ou Deixe-o”. Além da questão óbvia política que esse slogan transmite, a frase se traduz para o contexto da Copa de 1970 no seguinte sentido: “se você não tem orgulho da nossa seleção, do nosso futebol, do nosso governo, do nosso jeito de viver e pensar e de ser brasileiro, você não merece viver em nosso país”.

Em resumo, o governo tratou de capitalizar seus esforços em algo que é elemento central para a identidade cultural, nacional e social do Brasil, ou seja, o futebol.

O uso político da participação brasileira em mundiais de futebol como tentativa de promoção ou propaganda é algo que existiu antes do governo Médici e continuou a existir depois dele, incluindo o período democrático. No entanto, na maioria dos casos, os presidentes utilizavam-no de maneira mais sutil e protocolar, como foi feito por Joao Goulart e até mesmo por Dilma Roussef, mas o diferencial da figura de Médici no regime militar foi a criação da personagem do presidente-torcedor de radinho de pilha. O governante fazia questão de ser reconhecido como o torcedor número 1 do país, exibindo uma imagem de profundo conhecedor de futebol. Nesse sentido, Médici teve extremo êxito ao acertar o resultado da final da Copa do Mundo, Brasil 4 x 1 Itália. Tal palpite repercutiu de maneira massiva nos meios jornalísticos do país e reforçou a imagem de conhecedor de futebol que ele possuía. O governante organizou uma recepção festiva em Brasília para a celebração do tricampeonato, sendo fotografado ao lado de Pelé, erguendo a Taça Jules Rimet, comemorando como um torcedor qualquer e dizendo que este era o melhor dia de sua vida. O sentimento no Palácio do Planalto era quase como a vitória em uma guerra difícil e duradoura.

Ou seja, todo o empenho publicitário da máquina estatal para aproximar Médici do “povão” brasileiro era bastante facilitado pelo próprio comportamento do presidente, que não perdia nenhuma chance para reiterar e mostrar sua condição “popular” e apaixonada. O governo buscava se apropriar do sucesso da seleção brasileira e capitalizá-la para resultados militares e políticos.

Uma das estratégias era vincular o sucesso no futebol a projetos oficiais. Numa ação de oportunismo explícito, o governo decidiu lançar o “Fundo Pelé de Educação”, para arrecadar dinheiro “para as criancinhas pobres”, como pedira Pelé ao marcar seu milésimo gol, em

novembro de 1969. Seria lançado um carnê cujo pagamento daria direito a adquirir um livro sobre Pelé e sua trajetória de menino pobre até o estrelato. O próprio jogador aceitou fazer a campanha -- o mesmo Pelé que não participou da Copa de 1974 por razões estratégicas direcionadas à nova carreira que pretendia desenvolver, a saber, a de homem de negócios. Não há informação se esse fundo foi adiante, mas tais iniciativas não eram incomuns na época

João Saldanha é uma figura chave para entendermos os vários contextos da paisagem dos Anos de Chumbo, sobretudo, as ações dos militares na seleção e a própria influência da mídia no vínculo entre política e futebol. Ele foi o técnico da seleção brasileira por todo o ciclo pré-copa do time, classificando-o para a Copa do México com facilidade, resgatando, durante as eliminatórias, o prestígio que ele havia perdido desde a campanha malsucedida na Copa da Inglaterra.

Saldanha era uma personalidade forte e de ações quase de um líder dentro da seleção. Assumidamente comunista, o técnico pregava um jogo ofensivo e destemido e sempre fez questão de expressar e defender seus pontos de vistas publicamente, políticos ou futebolísticos. Ele era bastante popular com as massas e foi escolhido para o cargo justamente por ser considerado forte e carismático, já que a seleção era uma bomba-relógio juntando problemas dentro da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), uma seleção estrelada de craques e principalmente o fracasso na copa de 1966.

Mesmo com o sucesso estrondoso da seleção de Saldanha nas eliminatórias, era claro a existência de um racha entre os jornalistas, sobretudo paulistas, e o técnico. Saldanha também não possuía um bom clima com as estrelas do time. A personalidade forte do técnico o fazia bater de frente com Pelé por exemplo, que não vivia uma boa fase na carreira, mas ainda era o rei do futebol que acabara de alcançar a marca dos mil gols marcados. A constante rixa de Saldanha com os técnicos da velha guarda brasileira e principalmente o ato de barrar Pelé do time titular resultaram na demissão do técnico pela CBD em março de 1970, véspera da Copa do México⁴.

Criou-se então o mito popular, alimentado pela imprensa e historiografia da época, que Saldanha teria sido demitido pelos militares principalmente por perseguição política e atos antipatrióticos. A recusa do técnico em atender o pedido de Médici e convocar Dario,

⁴ BRITO, Marcondes. *Relembre como foi a treta de Pelé com o técnico João Saldanha*. Metrôpoles, 31 dez. 2022. Disponível em: https://www.metropoles.com/colunas/futebol_etc/relembre-como-foi-a-treta-de-pele-com-o-tecnico-joao-saldanha. Acesso em: 23 jun. 2023.

popularmente conhecido como Dada (atacante do Atlético Mineiro) virou um grande argumento dessa teoria. Se comentava também que Joao Havelange (presidente da CBD) demitiu Saldanha e contratou Zagallo pois ele seria mais fácil de ser controlado pela CBD e pelos militares.

Porém, apesar desse mitos e lendas que ultrapassam gerações, não há comprovação histórica de intervenção dos militares nos bastidores da CBD. Joao Saldanha era uma pessoa de personalidade forte e atrevida e, aliás, foi por esse motivo que ele foi contratado. A pressão gigantesca que sofria a seleção juntamente com o fracasso estrondoso na Copa de 1966 não deixava margem para erros no contexto da época. Qualquer ação mais intervencionista dos militares na seleção poderia comprometer a imagem do regime e afetar sua aprovação popular. Médici sabia disso e sempre botou o sucesso esportivo em primeiro lugar, dando autorização para a contratação de um técnico que era militante comunista.

De fato, não faria sentido demiti-lo por suas crenças políticas sendo que ele foi contratado com os militares sabendo de suas ideias. Saldanha, mesmo crítico do regime, nunca denunciou qualquer ação e não parecia de mal com a seleção nem com os bastidores dela logo após ser demitido. O principal entrave, mais uma vez, residia nos desempenhos desfavoráveis da Seleção Brasileira. A crescente frustração de Saldanha, as dificuldades de comunicação entre o treinador e o médico da equipe, Lídio Toledo, que se abstinha de prestar contas de suas ações ao treinador, e as pressões incessantes de Havelange contribuíam para um ambiente tumultuado. Além disso, a relação conturbada com a imprensa, acusada por Saldanha de corrupção e de ter ligações suspeitas com a CBD e os militares, agravava ainda mais a situação. Em resumo, a equipe brasileira encontrava-se imersa em um verdadeiro caos. (MÁXIMO,1996)

Zagallo, o sucessor de Saldanha, até hoje relembra com mágoa o episódio da demissão, pois a memória popular, alimentada pela historiografia consagrada sobre o assunto, registra que foram as pressões de Médici as responsáveis pela queda do treinador, e não razões técnicas e pessoais.

“Ele [Saldanha] saiu [da seleção] pelas cagadas que fez. Essa é a verdade. E eu entrei no lugar dele. E tem muita gente que quer me tirar o mérito. Quiseram dizer que eu peguei o time montado”⁵, disse Zagallo em entrevista em 1995. O próprio caso de Dario não era tão simples quanto parece. Médici era, sim, muito fã do atacante, porém tratava-se de um grande jogador cuja presença na seleção era reivindicada por jornalistas e torcedores. Dario foi campeão brasileiro pelo Atlético mineiro em 1971 e atualmente é conhecido como um grande

⁵ *Folha de S. Paulo*, 16.jul.1995, p. 4-6

jogador da história do Brasil, com o apelido de “Dada Maravilha”. Ou seja, o pedido pela presença de Dário na seleção não era nenhum absurdo, mas o contexto da época não deixa que a teoria da queda de Saldanha, motivada pela convocação, ou não, do atacante, tenha desempenhado um papel no desfecho do episódio.

O regime militar capitalizou muito o sucesso da seleção na Copa de 1970 e usou a vitória esportiva como propaganda política a favor do governo, sobretudo, através da figura torcedora de Médici, o maior vencedor com o título no México, como já foi argumentado. Porém, isso não significa que devemos omitir o contexto de caos que existia dentro da CBD e da comissão técnica da seleção brasileira, buscando culpados e assumindo a manipulação direta da ditadura nesse sentido. O papel do historiador é justamente, por meio de fontes, fatos e argumentos, desmentir lendas e mitos.

3 A VITÓRIA BRASILEIRA E O DISCURSO DE “ÓPIO DO POVO”

A partir da Copa do Mundo de 1970, com o uso da seleção brasileira pela ditadura militar como propaganda do regime, surge e se estabelece uma visão negativa da esquerda intelectual relação ao futebol, o qual passa a ser caracterizado como “ópio do povo”, consoante uma matriz teórica de inspiração marxista (RAMOS,1984). Não é possível imaginar o sucesso popular do governo Médici sem o tricampeonato brasileiro no México, não havendo duvida que tal feito se associou com as “realizações” do regime militar, em consonância com o “milagre econômico” (FICO,1997).

A seleção brasileira de 1970 criou esse dilema jamais resolvido na alma da esquerda brasileira. Como escreveu o historiador Arno Vogel: “O máximo de radicalismo crítico era torcer contra a seleção, como uma forma de protestar contra o esquema repressivo que o governo tinha acionado (...). Em geral, os escrúpulos da consciência crítica duravam pouco. Ao primeiro ataque bem-sucedido da seleção canarinho, todos viravam torcedores fanáticos”⁶

Essa desconcertante contradição foi explorada por Henfil nas páginas de "O Pasquim". Por meio de quadrinhos, o cartunista, um intelectual de esquerda, criou um personagem que representava um pensador crítico da fervorosa mobilização nacional em torno da seleção brasileira. Este personagem proferia palavras ásperas contra os torcedores aglomerados diante da televisão durante um jogo do Brasil. A sequência com a reação do intelectual dispensa comentários:

*Um país inteiro para por causa do futebol, mas não para resolver o problema da fome.... Este sim é o verdadeiro ópio do povo! Faz esquecê-lo de que são explorados, subdesenvolvidos.... Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o povo voltará à realidade e verá que a vida não é feita de gols, mas de injustiças... Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta de Pelé invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado!*⁷

No contexto da repressão militar e da luta armada por parte da esquerda radical, esta passa a ver o futebol como inimigo por considerá-lo um fator de alienação política, utilizado para diminuir os conflitos de classes, de alguma forma domesticando o trabalhador em relação ao seu empregador. Além disso, de acordo com esta visão informada pelo paradigma do ópio do povo, ele simplifica a compreensão das condições materiais e sociais da realidade. O esporte

⁶ VOGEL, Arno. “O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 110.

⁷ *O Pasquim*, 11 a 17.jun.1970, número 51, p. 11

de massa, dessa forma, se encaixa na estratégia das classes dominantes para perpetuar seu controle de maneira mais sutil, como argumentado por Roberto Ramos em sua obra (1984, p.5)

*O futebol, originado na Inglaterra, o berço do capitalismo, surgiu na década de 1860, quando os empregadores perceberam o interesse do proletariado por esse esporte. Eles investiram na expansão do futebol como forma de conter a organização política e sindical dos trabalhadores. (...) O uso do futebol como ideologia, o que equivale a uma inversão da realidade, tornou-se cada vez mais sólido.*⁸

O livro de Ramos tem como base o conceito de Louis Althusser, um pensador franco-argelino do século XX (1918-1990), sobre os aparelhos ideológicos do Estado, que tornam a repressão secundária, e até mesmo, desnecessária. Conforme essa teoria, os aparelhos ideológicos buscam manter a coesão social e reproduzir as condições de produção ao impor o pensamento da classe dominante por meio de mecanismos culturais de disseminação (ALTHUSSER,2022). A aplicação da teoria de Althusser implica em ver o Estado não como um campo de tensões sociais, mas como uma entidade que orchestra as relações de produção de forma onipresente, enquanto qualquer dissidência é vista como mera manipulação externa. Por esse motivo, a argumentação de Ramos, que representa uma crítica de esquerda ao futebol, pode parecer soar como teoria da conspiração.

No seu livro intitulado "Futebol, Ideologia do Poder" (1984), Ramos afirma que o futebol, considerado um "aparelho ideológico do Estado," desempenha o papel de perpetuador das condições econômicas que beneficiam a classe dominante.⁹ Para ele, torcer e envolver-se no futebol representam uma demonstração clara de conivência com esse sistema – quando relacionado ao contexto da ditadura militar em 1970, sua argumentação sugere que celebrar a conquista do tricampeonato era, na prática, apoiar o regime repressivo. Ele continua sua argumentação afirmando que os trabalhadores não devem reconhecer sua própria dominação e exploração no ambiente de trabalho, sendo esperado que aceitem o sistema sem questioná-lo. No Brasil, o futebol possui uma importância que transcende o âmbito esportivo, uma vez que ele obscurece a realidade, mascarando a injustiça social. Simultaneamente, ele valida os privilégios antissociais da classe dominante, encorajando um comportamento acrítico. Dessa forma, mantém a classe trabalhadora acorrentada às restrições do desemprego e do salário-mínimo.

⁸ RAMOS, Roberto. *Futebol e ideologia*. In: Mundo Jovem, nº 167, ano 22, 1984, p. 5

⁹ RAMOS, Roberto. *Futebol, Ideologia e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 23

Baseados no argumento de alienação e no seu mecanismo de ocultar a realidade desigual aos olhos das camadas populares, diversos autores, por exemplo, usaram os meios de comunicação para tentar mostrar a luta dos revolucionários armados durante a comemoração geral do tricampeonato brasileiro.

A exploração da sensação de manipulação foi abordada em diversas vertentes. Na obra teatral de Dias Gomes, intitulada "Campeões do Mundo" (1981), foi encenado o sequestro de um embaixador estrangeiro por um grupo guerrilheiro durante as celebrações do tricampeonato do país. Em uma entrevista ao jornal *Movimento*, Gomes reconheceu que sua peça renunciava às metáforas, buscando evidenciar como "o cerceamento de várias possibilidades de ação política, a tortura e o assassinato coexistiram com a ideia do 'milagre brasileiro' e com a exaltação gerada pela conquista do tricampeonato mundial de futebol, habilmente explorada pelo regime".¹⁰

A ideia de Gomes inspirou a criação de uma obra icônica da cinematografia brasileira o projeto cinematográfico: "Pra Frente Brasil" (1983), dirigido por Roberto Farias. Também através de uma narrativa ficcional, Farias retrata os agentes da repressão torturando supostos opositores do regime, enquanto os brasileiros se extasiam com as vitórias no México. No entanto, uma diferença crucial entre o filme e a peça de Gomes é que o foco do filme se concentra nas atividades clandestinas nos porões, enquanto a obra de Gomes destaca a ação da guerrilha. A semelhança notável reside na aparente alienação da população em ambos os casos: de acordo com a mensagem transmitida pelas obras, o cidadão comum brasileiro, entorpecido pelo futebol, estava alheio ou indiferente à guerra clandestina travada nos subterrâneos do país em que vivia.

O relato do ex-guerrilheiro Alfredo Sirkis sobre sua reação e a de seus companheiros de luta após a conquista do tricampeonato no México, ajuda a entender o ponto de vista mais radical da esquerda e suas consequências:

E como deixar de comemorar? A seleção de Zagallo, à qual João Saldanha deu o grande impulso inicial, levou o futebol brasileiro à sua plenitude. (...) porque queriam saber da seleção, acompanhar todos os detalhes da Copa, dezenas de milhões de pessoas ficaram como hipnotizadas, de olho no vídeo. (...) O governo aproveitou a ocasião para deslanchar uma gigantesca campanha de autopromoção. Era como se a vitória do Tri lhe pertencesse. (...) Coube a Médici fazer opereta, se popularizar através dos grandes media, naquele momento de comemoração nacional. (...) Aquela enorme manipulação, irresistível, amargava nossa curtição do Tri.¹¹

¹⁰ *Movimento*, 20 a 26.jul.1981, p. 23-24.

¹¹ SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários*. São Paulo: Global, 1981, p. 235-238.

Até mesmo dentro dos círculos de esquerda, houve indivíduos que optaram por enxergar no futebol, e na celebração da vitória em 1970, uma expressão importante que deveria ser considerada de forma positiva, como representativa da identidade brasileira. Em um comovente artigo publicado no jornal *Pasquim*, o poeta Ferreira Gullar, cuja história de perseguição pelo regime militar deixa suas convicções incontestáveis, canalizou toda a profunda emoção que o momento da conquista do tricampeonato inspirou no país:

A gratidão do povo brasileiro pelos jogadores que venceram a IX Copa do Mundo é uma das raras expressões coletivas legítimas numa sociedade como a nossa: é o povo saudando a si mesmo, que o futebol não representa nenhuma outra coisa, e os craques da seleção não são nem mais nem menos que isso: povo. (...) [Futebol] é coisa de todo mundo. Ao alcance de todos. (...) é assim o futebol, um troço aberto, democrático. A mais democrática seleção do mais apto de que se tem conhecimento neste país: todo mundo pode concorrer. (...) acredito que o Brasil é tão bom no futebol por várias razões, mas uma delas, certamente, é essa amplíssima possibilidade de participação da massa do povo, sem as barreiras de classe. (...) por isso é que tão pouca coisa neste país tem a autenticidade nacional de uma vitória como a desta Copa. (...) é nacional não porque se intitule nacional, mas porque tem profundas raízes no povo do país. Não é uma coisa inventada pela propaganda nem imposta de cima para baixo. (...) E então se dá o milagre. O país para. Os altos interesses da indústria, do comércio, do Poder, são postos de lado, por um simples curto-circuito: uma fagulha que identifica o povo com seus heróis. (...) E durante alguns dias o povo fez valer sua vontade nas ruas.¹²

Existe também mais um fenômeno no Brasil envolvendo a Copa de 1970, as televisões coloridas. Durante toda a primeira metade do século XX, o brasileiro se acostumou em acompanhar os jogos pelo rádio, ato que foi a maneira de torcer pela seleção tanto no “maracanazo” quanto nas vitórias de 1958 e 1962. Foi a partir do ano de 1970 que começou a popularização das televisões a cores em nosso país, o que muda a perspectiva de assistir futebol. Além da questão do jogo em si, a cobertura jornalística e o colorido da transmissão transformaram o jeito que o povo via o futebol e a seleção, o que naturalmente resultou em manifestações patrióticas nunca antes vistas, de cores, bandeiras e símbolos nacionais.

No entanto, DaMatta discorda da noção de que o uso da bandeira e as cores do Brasil nas comemorações automaticamente implicam uma ligação direta com o regime militar. Ele afirma que o futebol é uma das maneiras que a população encontra de se familiarizar com os símbolos e representações nacionais (1982). É apenas nos dias de jogos da seleção brasileira que podemos frequentemente observar as pessoas vestindo as cores da bandeira nacional, experimentando uma sensação única e tangível de “união nacional”. Durante esses momentos de “festejos cívicos” criados pelo esporte, os símbolos sagrados da pátria deixam de ser propriedade exclusiva das elites e, principalmente do governo, para serem compartilhados com

¹² *O Pasquim*, 2 a 8.jul.1970, p. 29.

a massa anônima, que os celebra de forma aberta e espontânea. Essa experiência transcende os usos e abusos por parte do governo e vira um “carnaval” popular. Para o antropólogo, embora a mobilização patriótica relacionada ao futebol seja suscetível à influência de governos autoritários, isso não deve obstruir uma análise que revele o quanto esse fenômeno vai muito além disso, já que as experiências de solidariedade e vitória são os ingredientes essenciais para impulsionar qualquer mudança real na sociedade, especialmente em uma sociedade do povo, representado como uma massa, é frequentemente abafada¹³. Portanto, em vez de enxergar essa experiência com o futebol como um exemplo do que governos autoritários podem explorar para seu benefício, eu desejo destacar o aspecto onde a voz positivo e fundamental dessa experiência no sentido mais amplo e generoso, quando ela permite que a população desfavorecida sinta a plenitude nacional, o valor do povo representado por seus heróis esportivos e, acima de tudo, a vitória genuína e merecida.

Apesar dos argumentos de DaMatta, o nacionalismo e o entusiasmo patriótico atingiram níveis típicos de países onde a ditadura se insinua nos aspectos cotidianos. Conforme relata uma reportagem da revista *Veja*:

Dirigir pelas principais cidades sem ter bandeiras nacionais penduradas nos para-brisas não era apenas um sinal de desinteresse esportivo, mas uma atitude considerada imprudente. (...) O mais surpreendente desses excessos de fervor patriótico é que não eram cometidos apenas por jovens acostumados a demonstrações ruidosas nas ruas, mas também por indivíduos normalmente respeitáveis e contidos.¹⁴

As celebrações da vitória contra o Uruguai, na semifinal do Mundial, descritas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, ilustram a pressão exercida sobre aqueles que pareciam relutantes em participar das festividades. Na avenida Rebouças, um motorista em um Fusca quase foi linchado porque não estava buzinando como os outros ao seu redor. As pessoas gritavam: "Uruguai! Uruguai! Por que você não está cantando? Você não é brasileiro? Buzine, você não é brasileiro?" A felicidade era exigida, e se dizia: "Pessoas tristes são uruguaias, pessoas tristes são uruguaias!" Em um toque irônico, *O Estado* mencionou que "Nunca tantos foram tão brasileiros como nesse momento".¹⁵ Tudo parecia girar em torno do futebol, a ponto de o desempenho esportivo servir como medida para todas as coisas, como DaMatta observou. Isso culminou em um carnaval cívico-nacionalista após a vitória final contra a equipe italiana, com

¹³ DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 34

¹⁴ *Veja*, 1.jul.1970, p. 30.

¹⁵ *O Estado de S. Paulo*, 18.jun.1970, p. 32

peças cantando nas ruas para zombar da fraqueza dos italianos e elogiar a superioridade dos brasileiros.

Essa forma de nacionalismo, que muitas vezes assumia uma natureza agressiva, foi vista com grande aceitação por parte da elite, que era aprovada por eles mesmos. Eles encorajavam a mensagem de união nacional contra a ameaça "estrangeira," particularmente a representada pela influência dos países do bloco comunista. *O Estado de S. Paulo*, que posteriormente pediria a abertura democrática em meio às celebrações pela conquista do título no México, em um editorial elogiava "a vibração unânime da população em todas as regiões de nosso vasto território a cada vitória da seleção brasileira durante o campeonato." De acordo com jornal:

O Brasil vibrou como uma única entidade, como um bloco indivisível, demonstrando nossa vocação para a unidade. Foi também uma exibição de autêntica brasilidade, com o povo rejeitando inspirações estrangeiras enquanto derramava nas ruas sua alegria, optando apenas por canções populares autênticas e tradicionais para expressar seu entusiasmo e sentimentos.¹⁶

A ênfase nessa "brasilidade" era encapsulada no chamado slogan "Brasil: ame-o ou deixe-o," que ganhou destaque naquela época. Criado em abril do mesmo ano por um grupo de empresários paulistas, possivelmente vinculados à Operação Bandeirante e inspirados pelos defensores americanos da Guerra do Vietnã (*America, love it or leave it*), o slogan ganhou uma popularidade além do esperado (FICO,1997). Adesivos com a frase eram vendidos em bancas de jornal, e até crianças desenhavam o slogan em suas aulas. A Copa do Mundo intensificou ainda mais essa abordagem, à medida que inúmeras bandeiras do Brasil invadiram residências e veículos.

¹⁶ *O Estado de S. Paulo*, 23.jul.1970, p. 3.

4 EM DEFESA DO FUTEBOL

4.1 Em prol da cultura futebolística

Entretanto, é extremamente errôneo demonizar o futebol, atribuindo-lhe a alienação como uma suposta essência que o leva a desempenhar sempre o mesmo papel contra os interesses das camadas populares. Tal pensamento acaba sendo de cunho elitista e dogmático, ignorando o quanto o futebol se constitui como expressão da cultura brasileira que não se deixa instrumentalizar em favor de uma ideologia política, à medida que se revela como uma prática polissêmica.

O futebol, assim como tudo que envolve uma participação massiva da população, é um retrato das contradições sociais e das tensões que atravessam a sociedade. Com efeito, problemas crônicos de nossa sociedade também aparecem na esfera do futebol, como homofobia, racismo, agressão, abuso de drogas e violência contra a mulher. Infelizmente esses tópicos eram frequentemente ignorados e diminuídos graças à fama dos jogadores e ao jeito que a própria sociedade funcionava, porém felizmente hoje em dia tais tópicos estão sendo levados cada vez mais a sério em todas as escalas e lugares do país, e o futebol não é exceção.

Seguindo este raciocínio, é fato que o futebol é uma representação popular, assim como a arte, a música, a poesia, a literatura ou a dança, suas manifestações são consequência direta de problemas e vivências do povo brasileiro em seu cotidiano, são expressões de sentimentos e interesses. De modo geral, qualquer representação popular de massa pode ser usada como meio de manipulação por governos ditatoriais para criar narrativas e medidas populistas, porém não se pode vilanizar essas práticas devido as tentativas políticas de influenciar massas para benefício próprio. Todas essas atividades são questões de cultura para o brasileiro e não se deve vê-las de uma perspectiva unilateral, sempre negativa.

A ideia de que o futebol só serve para distrair o trabalhador dos problemas estruturais que o oprimem, mesmo sendo de um viés esquerdista, é extremamente elitista e desumano. Todo cidadão deve possuir oportunidade de diversão, arte e cultura e o futebol faz parte desse contexto.

A dimensão alcançada pelo futebol no país é uma vitória do povo brasileiro, já que esse esporte no Brasil virou algo que transcende todas as camadas e classes, mas inicialmente não

deveria ser assim. Nunca foi de interesse das elites que um esporte como o futebol fosse popularizado (PEREIRA,2000). Foram as manifestações populares e a simplicidade do jogo e sua fascinação que o fizeram algo primordial na cultura brasileira, construída nos esforços da camada popular e sua vontade de se expressar.

4.2 Futebol em sociedade

Se se discute a influência negativa do futebol no aspecto político brasileiro, também se deve discutir como o meio futebolístico se integra ao mundo político de nossa sociedade. Há inúmeros atletas, clubes e torcidas organizadas que efetivamente militam em diversas causas sociais e ideológicas que circulam por toda a história do futebol brasileiro. Não podemos ser hipócritas ao ver o futebol essencialmente como manipulações de massas, mas não estudarmos e analisarmos seu aspecto popular de militância e ativismo.

Tais discursos de atletas e torcidas inclusive estão cada vez mais atuais. Durante o governo Bolsonaro existiram diversos manifestos a favor e contra o ex-presidente. Jogadores como Felipe Melo, do fluminense, e Lucas Moura, do São Paulo declararam publicamente seu apoio à reeleição de Bolsonaro, enquanto os ex-atletas Reinaldo e Raí publicaram seu apoio a Lula.¹⁷

A relação especificamente das torcidas organizadas no ativismo é algo muito frequente e marcante por toda a história do futebol brasileiro. No final de 2022, diversas torcidas organizadas como A Gaviões Da Fiel e a Galoucura se mobilizaram a acabar com os bloqueios antidemocráticos nas estradas pós eleição de Lula¹⁸. Anteriormente, em 2020, um protesto a favor da democracia e contra o presidente Jair Bolsonaro uniu torcedores do Corinthians e do Palmeiras na avenida Paulista¹⁹.

¹⁷ DA REDAÇÃO. *Lula ou Bolsonaro? Quem as personalidades do futebol apoiam nas eleições*. Placar, São Paulo, 04 out. 2022. Disponível em: <https://placar.com.br/placar/lula-ou-bolsonaro-quem-as-personalidades-do-futebol-apoiam-nas-eleicoes/>. Acesso em: 30 jun. 2023

¹⁸ ESTILLAC, Bernardo. *Galoucura oferece 'tropa fura-bloqueio' para conter bolsonaristas*. Estado de Minas, Belo Horizonte, 08 jan. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/08/interna_politica,1442210/galoucura-oferece-tropa-fura-bloqueio-para-conter-bolsonaristas.shtml. Acesso em: 12 jul. 2023

¹⁹ REBELLO, Aiuri. *Palmeirenses se unem a corintianos em protesto contra Bolsonaro na Paulista*. UOL, São Paulo, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/palmeirenses-se-unem-a-corintianos-em-protesto-contr-bolsonaro-na-paulista.htm>. Acesso em: 10 jun. 2023

Por muito consumidores do esporte há inclusive a mentalidade de que futebol e política não devem se misturar, o que também é uma falácia. Se viver é político e a sociedade também, algo inserido nelas como o futebol não seria exceção, como qualquer representação popular.

Uma das maiores figuras futebolísticas, que sempre foi extremamente honesto e aberto sobre suas visões políticas, e fazia questão de expressá-las em plena ditadura militar na década de 1970 foi o ex-atacante Reinaldo, ilustre ídolo do Atlético Mineiro. O “rei” da torcida atleticana, negro de origem carioca, tinha como comemoração característica o punho cerrado, inspirada no movimento dos Panteras Negras e nos lendários atletas negros Tommie Smith e John Carlos. Desse modo, ele demonstrava o seu posicionamento contra o racismo e a ditadura. Reinaldo sabia que o único lugar em que ele não poderia ser censurado era dentro de campo, então nunca deixou de comemorar desta maneira.

Na primeira vez em que fiz o gesto, todos vieram até mim querendo saber o que aquilo significava. Muitas vezes, para driblar a repressão, eu dizia que era um protesto estritamente racial. Eu precisava tomar cuidado, pois os ‘dedos-duros’ do governo estavam sondando, querendo descobrir se eu seria como instrumento de algum grupo revolucionário. Percebia que o meu gesto era um alento aos socialistas, um sinal de apoio e de unidade perante uma causa”, Reinaldo, na biografia ‘Punho Cerrado: a história do Rei’, publicada em 2017. “Erguer o punho era um gesto revolucionário. Usava o futebol como tribuna e sabia que os militares não podiam me agredir fisicamente porque seria um tiro no pé”²⁰ (PEINADO, 2020)

Reinaldo sempre foi muito comunicativo com suas manifestações no campo, nas ruas e nas entrevistas. Por exemplo, o atacante defendia a anistia política e a presença de uma oposição em um contexto democrático, para trazer novas ideias e caminhos diferentes. Também concordava com a necessidade da convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte para eleger os colaboradores de uma nova Constituição. Reinaldo acrescenta que “em tudo o povo tem que ter participação. Nós temos que depositar confiança em quem votamos para sermos retribuídos de alguma forma, nem que as futuras gerações sejam beneficiadas”²¹. Ao contrário de Pelé, que disse no contexto do regime militar que “o povo brasileiro não estava preparado para votar”, o ídolo atleticano lutava em defesa do voto popular. Conforme ele salientava:

“a participação maior tem que ser do povo, a renovação o é necessária em tudo, o povo tem o direito de votar e escolher seus governantes. Ainda bem que ultimamente o povo está participando mais da vida do país demonstrando seu interesse em participar”. Também favorável a uma distribuição de renda, o atacante do Atlético observa que_“a gente dá mais lucro para o dono e o salário não dá. Você trabalha oito horas e o patrão só paga o salário que na verdade só corresponde a uma hora de serviço. Devia-se dar mais atenção para esse problema porque a coisa não pode ficar assim”²².

²⁰ PEINADO, QUIQUE. *Futebol à esquerda*. São Paulo: Mundaréu, 2020

²¹ Entrevista de Reinaldo ao jornal *Movimento*, nº 140, 6 de março de 1978

²² Idem

Ainda sobre Pelé, Reinaldo publicamente o criticava pelo fato de o famoso jogador da seleção brasileira “não ter opinião própria” e ter se perdido no meio de seus assessores de imprensa. Defendendo o direito de voto do povo, em um contexto no qual a luta por direitos constituía um gesto de ousadia, o ex-atleticano achava que o povo brasileiro estava preparado “como sempre estava” para votar.

Eles fizeram o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isso já foi demonstrado diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada.²³

Naturalmente, seu jeito aberto e irreverente de expor suas opiniões, em um meio como o futebolístico no auge da ditadura militar, fez Reinaldo ser altamente criticado e visto com desconfiança pelos setores mais conservadores da imprensa política e esportiva, além das pessoas que comandavam à época o futebol no Brasil, isto é, os militares.

No Campeonato Brasileiro de 1977, o jogador fez indiscutivelmente a melhor temporada de sua carreira e sendo artilheiro da competição, levando o Atlético-MG para a final do torneio. Após cada um de seus inúmeros gols, ele sempre fazia sua comemoração característica do punho cerrado. O atacante acabou não jogando a final contra o São Paulo devido à uma suspensão que lhe fora aplicada pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva, com base em uma expulsão ocorrida em uma partida realizada no início daquele ano, em Manaus. Resultado: embora tivesse a melhor campanha do Campeonato Brasileiro, o Atlético MG, sem o seu artilheiro, foi vencido pela equipe paulista. Conforme ele avalia o episódio: “A maior frustração da minha carreira foi a final de 1977, que não me deixaram jogar, contra o São Paulo. Os militares me impediram”, disse Reinaldo em entrevista ao blog de Breiller Pires.

Apesar de ter enfrentado momentos de isolamento, Reinaldo também contou com o apoio. Pouco antes da Copa do Mundo de 1978, as conversas sobre a inclinação política do ex-jogador dominavam as discussões no mundo esportivo. Nas ruas de Belo Horizonte, pessoas demonstraram apoio ao atleticano, considerado sua presença importante para a Seleção Brasileira. “Por que Reinaldo não pode ter opinião política? ”, frase escrita por estudantes da Universidade Católica de Minas Gerais em muros de Belo Horizonte. 1978 se tornou um ano significativo na vida de Reinaldo. Suas notáveis performances no Atlético lhe asseguraram um lugar na lista de convocados pelo técnico da Seleção Brasileira, Cláudio Coutinho, que também era capitão do Exército, para a Copa do Mundo na Argentina naquela temporada. No entanto,

²³ Entrevista de Reinaldo ao jornal *Movimento*, nº 140, 6 de março de 1978

seu ativismo político causava desconforto entre as autoridades “Vai jogar bola, garoto! Deixa que política a gente faz”²⁴, frase que Reinaldo conta ter ouvido do presidente Ernesto Geisel antes do embarque para a Copa do Mundo de 1978, na Argentina.

No segundo semestre de 1977, Reinaldo passou a manifestar publicamente seu apoio às eleições diretas, à anistia e ao fim da ditadura militar. O jornal *Movimento*, associado à oposição de esquerda ao regime militar, estampou Reinaldo na capa da edição de 6 de março de 1978 com o título "Reinaldo, bom de bola e bom de cuca". Isso foi o suficiente para que o Almirante Heleno Nunes, Presidente da Confederação Brasileira de Desportos, que anteriormente em janeiro de 1978 havia elogiado Reinaldo como a grande revelação da Seleção, declarasse que "Reinaldo não possui as condições físicas necessárias para competir em níveis elevados"²⁵. Ficou evidente a manobra de Heleno Nunes, que tentava excluir Reinaldo da Seleção Brasileira para a Copa de 1978, mesmo se tratando de um dos maiores centroavantes da história do futebol brasileiro.

Pela primeira vez desde Afonsinho, um jogador de renome nacional trouxe para o domínio público o debate sobre o direito dos atletas de se envolverem na política. Reinaldo passou a receber centenas de cartas de solidariedade, e o jornal *Movimento* publicou outra matéria expondo a manobra. O técnico Cláudio Coutinho acabou não tendo escolha a não ser confirmar a participação de Reinaldo na Copa da Argentina. Entre os militares, havia um grande temor de que, se Reinaldo marcasse um gol, ele repetisse o gesto do punho cerrado que já era reconhecido nos campos de futebol brasileiros. Naquela época, a Argentina vivia sob uma ditadura militar brutal, que perduraria até 1983, deixando um saldo de mais de 20.000 mortos e desaparecidos. A Copa do Mundo era o principal meio de propaganda do regime naquele ano.

Não sei mensurar o impacto desse gesto durante a Copa. Estava isolado na concentração da seleção e não chegavam muitas notícias lá. Mesmo assim, foi um ato muito ousado, pois eu havia recebido a recomendação de não comemorar daquela forma, inclusive das autoridades argentinas.”²⁶

No jogo de estreia, Reinaldo marcou o gol do Brasil no empate de 1 a 1 contra a Suécia e não recuou em suas atitudes. Ele celebrou o gol com seu gesto Black Panther, o que causou grande apreensão entre a liderança da delegação brasileira, comandada pelos militares. Após a partida, Reinaldo recebeu um envelope em espanhol, originado da Venezuela, contendo

²⁴ PIRES, Breiller. O dia em que Reinaldo marcou um gol contra a ditadura. *El País*, Belo Horizonte, 04 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/01/deportes/1527862375_020869.html. Acesso em: 20 jun. 2023

²⁵ Idem

²⁶ LIMA, Philipe. *Punho Cerrado: a história do Rei*. Belo Horizonte: Editora Livramento, 2017. p. 148

supostas informações sobre a Operação Condor, a colaboração entre as ditaduras sul-americanas para perseguir e eliminar ativistas de esquerda ou defensores da democracia.

O documento estava em espanhol, não consegui entender tudo que estava escrito. Fiquei apavorado, estava com uma bomba em minhas mãos, não sabia como lidar com aquilo, por isso guardei o envelope no fundo da minha mala e não mostrei pra ninguém. Quando retornei ao Brasil, deixei o envelope com meu amigo Gonzaguinha, que era ligado aos movimentos de esquerda. Nunca mais falei disso.²⁷

Após o empate em 0 a 0 com a Espanha, em uma partida em que toda a equipe teve um desempenho fraco, Reinaldo foi substituído por Roberto Dinamite. Mesmo reconhecido em todo o país como um gênio da camisa 9, Reinaldo foi retirado do time e nunca mais teve a oportunidade de iniciar uma partida na Copa do Mundo pela Seleção Brasileira. Na partida pela disputa do terceiro lugar, em que o Brasil venceu a Itália por 1 a 0, Reinaldo entrou como substituto do ponta-direita Gil, e essa foi sua última participação em Copas do Mundo. Reinaldo inclusive passou a década de 1970 inteira sendo espionado pela ditadura, com todos os documentos disponíveis hoje no arquivo nacional.²⁸

A exclusão de Reinaldo da convocação para a Copa de 1982 é um exemplo clássico de como algumas falsas informações se consolidam quando são repetidas como se fossem fatos verídicos. A ausência do Rei nesse torneio foi profundamente sentida, dada a diferença notável entre o estilo de jogo de Serginho Chulapa, conhecido por sua força física, e a brilhante seleção que contava com jogadores como Zico, Sócrates, Falcão, Cerezo, Júnior, Éder e Luisinho. Se alguém fosse questionado sobre a razão da ausência de Reinaldo na Copa de 1982 naquela época, a maioria das pessoas diria hoje que Telê Santana não o convocou devido à uma lesão. Essa falsa informação tornou-se plausível devido às frequentes lesões que Reinaldo de fato enfrentou ao longo de sua carreira. No entanto, é importante desmascarar essa inverdade, uma vez que a ausência de Reinaldo na Copa da Espanha está relacionada à questões políticas, mais especificamente à homofobia, embora seja importante destacar que Reinaldo é heterossexual.

Naquele ano, a grande polêmica em torno de Reinaldo estava relacionada a três termos: “comunista”, “maconheiro” e “veado”. Ao examinar os documentos da época, é surpreendente observar a suposição de uma conexão entre esses termos, como se todo homossexual fosse considerado comunista, todo comunista fosse rotulado de maconheiro e todo usuário de maconha fosse estigmatizado como gay. É importante esclarecer que Reinaldo não tinha

²⁷ LIMA, José Reinaldo. José Reinaldo de Lima (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 33p. p.22.

²⁸ MORAIS, Aloísio. *Ditadura rastreou jogadores do Atlético Mineiro*. Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, São Paulo, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://ctb.org.br/noticias/estados/ditadura-rastreou-jogadores-do-atletico-mineiro/>. Acesso em: 21 jul. 2023

envolvimento com drogas e não era homossexual. No entanto, ele mantinha uma forte amizade com Tutti Maravilha, um conhecido radialista de Belo Horizonte que era abertamente gay. Essa amizade causou controvérsias ao longo de 1981, e as referências frequentes de Telê ao "comportamento" de Reinaldo devem ser compreendidas nesse contexto conservador. Embora boêmio, os hábitos sociais de Reinaldo eram, na realidade, bastante comuns do ponto de vista da cultura do bolero.

A exclusão de Reinaldo, que não estava relacionada a lesões, já estava sendo considerada antes. Em 4 de setembro de 1981, a revista Placar mostrava que todos os principais jogadores defendiam a presença de Reinaldo. Sócrates declarou: 'No meu time, o Rei joga'. Júnior afirmou: 'Reinaldo é o mais inteligente, técnico e perigoso'. Zico, com toda a sua autoridade, disse: 'É óbvio que eu me entrosaria mais com Reinaldo'. Éder concordou: 'Todos têm suas virtudes. A diferença é que Reinaldo é o Reinaldo'. De acordo com a mesma matéria, Telê resistiu à pressão para convocar Reinaldo devido à "restrições ao seu comportamento fora de campo". Renê Santana, seu filho, afirmou que seu pai não convocou Reinaldo porque ele "não tocava em uma bola há seis meses²⁹", mas a convocação para a Copa ocorreu em abril, e o Rei participou de todas as partidas decisivas realizadas em março

A partir de 1981, Telê passou a repreender Reinaldo, seja por sua amizade com pessoas homossexuais, por suas desavenças com a namorada, ou por suas conexões com o Partido dos Trabalhadores. Em suas próprias palavras, Telê Santana afirmou, em 13 de novembro de 1981: “a única coisa que Reinaldo sabe fazer é jogar futebol. Mas andaram botando na cabeça dele que ele é intelectual, que precisa ajudar os índios, o Lula, o Frei Beto”.

Sucessor e também contemporâneo dos ativismos de Reinaldo, Sócrates, ídolo do Corinthians, também foi uma figura importantíssima na luta contra a ditadura militar durante toda a década de 1980, liderando a famosa “Democracia Corinthiana”, movimento organizado na primeira metade dos anos oitenta. Sócrates também comemorava seus gols com o icônico punho cerrado.

O doutor Sócrates, apelido que possuía por ter cursado faculdade de medicina, foi um dos melhores jogadores da história do Brasil e indiscutivelmente o maior jogador da história do clube paulista. Dentro de campo, foi um meio campista de extrema classe que comandava e

²⁹ IDELBER, Avelar. *Reinaldo, a Copa de 1982 e a ditadura militar*. Estado da Arte. Nova Orleans, 13 mai. 2018. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/reinaldo-a-copa-de-1982-e-a-ditadura-militar/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

organizava sua equipe, tinha um excelente passe e frequentemente se infiltrava na área adversária com chutes colados e cabeçadas. Como capitão, liderou o Corinthians em três campeonatos paulistas e também a seleção brasileira nas copas de 1982 e 1986.

O doutor e sua família sempre foram muito politizados. Seu pai era cearense e ele e seus irmãos nasceram e viveram em Belém do Pará, até se mudarem para Ribeiro Preto devido ao emprego de seu pai, funcionário público federal. Sócrates ainda criança presenciou seu pai queimar todos seus livros favoritos quando aconteceu o golpe militar em 1964.

Depois de já ter sido contratado como jogador do Corinthians, Sócrates se aproximou dos também futuros ídolos Casagrande e Wladimir que possuíam opiniões políticas muito parecidas. O doutor era uma pessoa muito respeitada e, ao mesmo tempo, divertida e rapidamente fez amizade com praticamente todos no clube. Inclusive, ficou muito próximo de um diretor de futebol, o jovem sociólogo Adilson Monteiro Alves.

As uniões desses três jogadores com o diretor os levaram a mudar a estrutura organizacional do time. Com a junção desses jogadores profundamente politizados, se estabeleceu uma democracia dentro do clube, onde os jogadores, dirigentes e funcionários debatiam e votavam a respeito de tudo, como, por exemplo, que horas os treinos começavam, salários, horário de entrada e saída e por aí vai. Essa prática democrática e progressista da direção e dos jogadores era algo completamente único na época, obviamente pelo contexto da ditadura, mas também pelo modo como o futebol era comandado por cartolas reacionários e antiquados.

O que estava sendo feito dentro do Corinthians já chamava atenção e era comentado no meio futebolístico, porém foi da troca de ideias do jornalista Juca Kfoury e do publicitário do clube Washington Olivetto que o nome democracia corinthiana surgiu. Foi a partir disso que o clube e os jogadores começaram a expor sua militância ao público e também a influência deles sobre eventos que eram do cotidiano da época.

É também a partir daí que as imagens icônicas das camisas do time com seus slogans surgem. No espaço de patrocínio, tinha na verdade escrito “Democracia Corinthiana”, “Dia 15 Vote” ou “Diretas Já”, justamente para que as mensagens saíssem dos estádios, alcançando a sociedade como um todo. Inclusive, ainda sobre esses slogans, provavelmente a cena mais emblemática dentro de campo são os jogadores levantando uma faixa antes da partida final contra o São Paulo, no Morumbi, pelo Campeonato Paulista de 1983, que dizia: “ Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.

Esse movimento é um dos poucos que realmente transcendeu a “bolha” do futebol e virou um capítulo relevante da história política do Brasil, ainda mais pela sua importância no contexto das diretas já e redemocratização do país. Os jogadores participantes são celebrados até hoje e na época iam frequentemente em manifestações e comícios que pediam a volta da democracia e o direito a voto, com participações de políticos da época como Lula e Fernando Henrique Cardoso.

Em decorrência do que foi dito, a figura de Joao Saldanha é tão importante para a história e para o folclore do futebol brasileiro. Um ativista como ele principalmente durante os anos mais brutos da ditadura militar protagonizando a seleção e o meio futebolístico em si, sendo uma das grandes figuras a ser pioneiras a debater essas questões

Joao Saldanha criticava os intelectuais de esquerda que não viam no futebol uma expressão legítima de cultura brasileira a ser estudada. Ou seja, alguém que era um militante comunista assumido e brasileira crítico do governo militar, estudioso do esporte e antigo técnico da seleção brasileira, conseguia entender a diferença do jogo e do seu uso como discurso populista. Ele argumentava que os fatos históricos desmentem que o futebol sirva para escorar governos. “O que escora governo é tanque”³⁰. “Inclusive, seguindo essa lógica, DaMatta diz que as elites “odeiam o jogo”, porque “certamente o jogo significa basicamente ter de se submeter a regras que valem para todos”³¹.

Este tipo de ponderação, a qual ainda é frequente em discussões sobre o futebol, negligencia os múltiplos e intrincados elementos que compõem esse fenômeno, conforme destacado por DaMatta ao afirmar que, embora esteja inserido na esfera da indústria cultural, o futebol também coordena elementos fundamentais para a cidadania, identidades sociais significativas, valores culturais profundos e preferências individuais distintas, mesmo sob os auspícios dos mais fervorosos objetivos capitalistas e burgueses. Vários dos pontos levantados para descrever o futebol como um meio de controle social também podem ser empregados para evidenciar sua função na diminuição das disparidades sociais e na promoção do sentimento de orgulho nacional. Para cada justificativa que aponta o futebol como um mero espetáculo, existem contrapartes que endossam o esporte como um catalisador de autenticidade local e como um meio de difundir uma pedagogia democrática, a saber, o da impessoalidade da lei, da

³⁰ Versus, número 5, sem ano, p. 3-7

³¹ DAMATTA, Roberto (et. al). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 15.

igualdade de todos perante as regras do jogo, entendidas em sentido amplo, o do esporte e o da vida social (DAMATTA, 1982)

Ademais, DaMatta sublinha que, ao contrário das alegações dos detratores que consideram o futebol como uma ferramenta de manipulação, este esporte representa o terreno do imprevisível por excelência, tornando assim inalcançável qualquer controle absoluto por parte de qualquer indivíduo ou entidade. Ele também aponta um caráter presunçoso na concepção que vê o futebol como o "ópio do povo", pois insinua que somente os pertencentes à elite, ou seja, os que supostamente o manipulam, e os críticos da sociedade, em sua maioria, os intelectuais de esquerda, são capazes de compreender o verdadeiro papel do futebol no Brasil. Enquanto isso, a maioria, referida como "a massa", é ironicamente retratada como permanecendo na obscuridade de sua suposta ignorância crônica, incapaz de reconhecer seu contínuo engano.³²

³² DAMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 14.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia segundo a qual o futebol é um instrumento de alienação e controle de massas, além de falsa, expressa um elitismo descarado com o esporte e diversas outras manifestações culturais populares que também sofrem com tais rotulações. Ela pode ser considerada falsa na medida em que pressupõe uma essência, sempre a mesma, para o futebol, quando, conforme procuramos mostrar ao longo do nosso trabalho, o futebol se constitui em um campo de batalha de ideias, práticas e representações. Com efeito, ele muitas vezes expressa visões de mundo antagônicas, como, por exemplo, a da ditadura militar em relação à seleção brasileira tricampeã do mundo em 1970, e a da democracia corinthiana liderada pelo jogador Sócrates, na primeira metade dos anos oitenta.

O futebol, como retrato das tensões, conflitos e contradições presentes em nossa sociedade, sofre e reflete todos os problemas e embates, impunidades, violências e preconceitos que existem em nossa estrutura como país. Nesse sentido, ele também abriga a disputa entre uma cultura democrática, que pretende tornar a prática do jogo aberta, inclusiva e igualitária, e uma cultura autoritária, que, ao contrário, o utiliza para expressar todos os valores da intolerância: racismo, homofobia, sexíssimo, dentre outras manifestações de preconceito e discriminação.

É necessário entender que o futebol não possui essência, ele está sempre em jogo, envolvendo os agentes do campo esportivo ou os agentes do campo social no sentido mais abrangente. Sendo assim, convém analisar-lhe a correlação de forças sempre cambiante em conformidade com a mudança da própria correlação de forças na sociedade. Aquém e além desta abordagem, convém, sobretudo, analisá-lo de maneira fria e correta a fim de compreender o longo e complexo processo pelo qual ele se tornou essa manifestação gigantesca da cultura brasileira, tão presente em nosso cotidiano. Usá-lo como bode expiatório para supostamente explicar os problemas políticos e sociais do Brasil pelo seu poder de felicidade, consiste em uma análise reducionista.

O lazer não deve ser demonizado, muito pelo contrário, até porque isso é um direito do cidadão como ser humano.

Mesmo que manifestações populares como o esporte e a arte possam ser usadas como tentativa de propaganda de governos autoritários, isto não significa desacredita-los como instituições centrais da sociedade. Como dito nesse trabalho, o futebol por exemplo também pode ser usado como poder popular e expressão de ideais diretamente ou indiretamente relacionados com a construção de uma sociedade democrática.

FONTES

Copa de 1970: depoimentos de Jogadores da Seleção. Rio de Janeiro, Arquivo FGV, 30 out. 2019. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/museudofutebol/edicoes-tematicas>. Acesso em: 12 mai. 2023.

MEMÓRIAS do Chumbo: *O Futebol nos Tempos do Condor*. Lúcio de Castro. São Paulo: ESPN Filmes, 2012. Documentário (200 min).

DE LIMA, JOSÉ REINALDO. REINALDO: depoimento [dez 2021]. Belo Horizonte. TV Galo, 2021. Entrevista concedida ao canal TV Galo.

BRASILEIRO SAMPAIO DE SOUZA VIEIRA DE OLIVEIRA, Sócrates. Sócrates: depoimento [dez. 2011]. Entrevistadora: Marília Gabriela. São Paulo: SBT, 2011. Entrevista concedida ao programa “De frente com Gabi”.

SALDANHA, João. Joao Saldanha: depoimento [mai. 1987]. São Paulo: TV Cultura, 1987. Entrevista ao programa “Roda Viva”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis.** *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 14 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022.
- ÂNGELO, Assis.** *A presença do futebol na música popular brasileira*. São Paulo, O Autor, 2010.
- DAMATTA, Roberto (ORG.)** *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander.** *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo, Hucitec, 2007.
- FICO, Carlos.** *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FLORENZANO, José Paulo.** *A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo, Educ/Fapesp, 2009
- FRANCO JÚNIOR, Hilário.** *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- GASTALDO, Édison; LAHUD, SIMONI.** *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, RJ, Intertexto, 2006.
- GOZZI, Ricardo, SOCRÁTES.** *Democracia Corinthiana: A utopia em jogo*. São Paulo, Boitempo, 2002.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque De.** *A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980*. In: *A torcida brasileira*. Bernardo Buarque de Hollanda et al. Rio de Janeiro, Letras, 2012.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves.** *Com a Taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro, Faperj/Lamparina, 2014.
- MANDELLI, Mariana Carolina** *Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2018.
- PERDIGÃO, Paulo.** *Anatomia de uma derrota: 16 de julho de 1950: Brasil x Uruguai*. Porto Alegre, L&PM Editores, 2000.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *FootballMania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984

TOLEDO, Luiz Henrique De. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

JULIANO, Carolina. *Sócrates, o jogador que criou uma democracia própria em meio à ditadura*. UOL. São Paulo, 24 dez. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/11/24/socrates-foi-o-jogador-de-futebol-mais-politizado-que-o-brasil-ja-teve.htm>. Acesso em: 19 nov. 2023.

O TEMPO. *Ídolo do Atlético-MG, Reinaldo faz gesto em apoio à candidatura de Lula (PT)*. O TEMPO. Belo Horizonte, 15 out. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/eleicoes/idolo-do-atletico-mg-reinaldo-faz-gesto-em-apoio-a-candidatura-de-lula-pt-1.2750632>. Acesso em: 19 nov. 2023.

VALLE, Fernando. *Ditadura e Futebol: Na Copa de 78, o ‘conselho’ do ditador Geisel ao artilheiro Reinaldo*. Sul 21. Porto Alegre, 25 jun. 2014. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticiaspolitica/2014/06/ditadura-e-futebol-na-copa-de-78-o-conselho-do-ditador-geisel-ao-artilheiro-reinaldo/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MORAIS, Aloísio. *Ditadura rastreou jogadores do Atlético Mineiro*. Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, São Paulo, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://ctb.org.br/noticias/estados/ditadura-rastreou-jogadores-do-atletico-mineiro/>. Acesso em: 21 jul. 2023

PIRES, Breiller. *O dia em que Reinaldo marcou um gol contra a ditadura*. El País, Belo Horizonte, 04 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/01/deportes/1527862375_020869.html. Acesso em: 20 jun. 2023

IDELBER, Avelar. *Reinaldo, a Copa de 1982 e a ditadura militar*. Estado da Arte. Nova Orleans, 13 mai. 2018. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/reinaldo-a-copa-de-1982-e-a-ditadura-militar/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MARQUES, João Vitor; MATTAR, Tiago. *As históricas entrevistas de Reinaldo e Tostão que 'desafiaram' a ditadura militar no Brasil.* Superesportes. Belo horizonte, 31 mar. 2019. Disponível

em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575691/historicas-entrevistas-de-reinaldo-e-tostao-que-desafiaram-a-ditadura.shtml. Acesso em: 19 nov. 2023.

MARQUES, João Vitor; MATTAR, Tiago. *Reinaldo, sobre ditadura militar: 'Fiquei muito isolado, sofrendo todo tipo de ataque'.* Superesportes. Belo horizonte. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575691/historicas-entrevistas-de-reinaldo-e-tostao-que-desafiaram-a-ditadura.shtml. Acesso em: 19 nov. 2023.

TNT SPORTS BRASIL. *O QUE FOI A DEMOCRACIA CORINTHIANA? - SABIA NÃO #3,* Youtube, 30 out. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y2EezhNkkPo&ab_channel=TNTSportsBrasil. Acesso em 10 jun. 2023.

FLORENZANO, José Paulo. *O ato de protesto.* Ludopédio. São Paulo, 6 mai. 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-ato-de-protesto/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

LIMA, Philipe. *Punho Cerrado: a história do Rei.* Belo Horizonte: Editora Livramento, 2017

Bhabha, Homi. *O local da cultura.* Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil.* Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.